
Relação família x escola em tempos de pandemia

ÂNGELA IMACULADA LOUREIRO DE FREITAS DALBEN*

Resumo

O texto aborda a relação Família e Escola em tempos do Covid-19, quando as escolas suspenderam as aulas e fecharam suas portas em todo o mundo. Um grave problema fica patente diante desta situação inusitada, porque de um lugar de proteção das crianças e adolescentes, a escola se transforma em lugar de risco à disseminação do vírus. A escola se muda para os lares das famílias que não estavam preparadas nem para a nova realidade vivida com o fechamento de todas as atividades socioeconômicas das cidades, exceto as essenciais. A família é chamada, então, a se organizar para cuidar da educação escolar de suas crianças e adolescentes. Este cenário provocou inúmeros problemas que são salientados no texto, que não tem a pretensão de respondê-los, mas suscitar reflexões importantes na perspectiva de encontrar saídas para a construção de um novo modelo de relação família x escola.

Palavras-chave: Relação família x escola. Covid-19. Pandemia.

* Ângela Dalben, Secretária Municipal de Educação de Belo Horizonte, doutora em Educação e professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais, onde foi Diretora da Faculdade de Educação e Pró-reitora de Extensão. Atua como pesquisadora do GAME - Grupo de Avaliação e Medidas Educacionais da Faculdade de Educação da UFMG, nos seguintes temas: didática, formação de professores, avaliação escolar, conselho de classe, Escola Plural. Publicou livros e inúmeros artigos na área educacional.

Introdução

Estamos vivendo um tempo sem precedentes na história mundial. Um contexto paradoxal frente às divergências políticas, econômicas e sociais porque está em jogo a vida humana, o maior valor sem dúvida. Óbitos pelo mundo e pelo Brasil ultrapassam as centenas de milhares e a sociedade aguarda ansiosamente os avanços científicos em busca de uma vacina. E grupos de pesquisadores, em todos os cantos do planeta, ocupam-se desta busca demonstrando a importância da ciência em nossos tempos, mas com a urgência que exige a quebra das fronteiras políticas. Desemprego, mortes, ausências, violência doméstica, abusos e tensão são vividos dia a dia e os números, gráficos e curvas que aparecem nos telejornais assustam e impactam cada um que tenta se cuidar permanecendo em casa em isolamento ou distanciamento social. Total incerteza quanto ao futuro e uma espera inquieta pelo retorno à vida normal. Ou ao falado “novo normal”.

Mas, a importante realidade do vírus, ensina a humildade. Ensina que ninguém sabe ou tem certezas das coisas, porque ninguém na atualidade viveu ou experimentou algo semelhante. A necessidade de desenvolvimento da solidariedade e da colaboração trazem possibilidades de melhores momentos no enfrentamento das situações rotineiras da vida. E a alegria de termos de volta essas atitudes e valores, traz também alento para os maus dias de tantas perdas, dramas e tristezas.

E a escola não está desvinculada de tudo isso. Não é um universo fechado, isolado, à parte.

Desafios para a educação

A escola dentro da casa

Educação se adquire e se faz por meio das interações entre as pessoas. Está presente nas relações sociais, inserida num campo de disputas de interesses, influências, lideranças que lutam por poder e autoridade. EDUCAR-SE é adquirir um modo de ser e estar no mundo. E esse processo de educar-se significa, com toda a certeza, o ponto fundamental da constituição das nossas sociedades. Constituição das mentalidades, dos valores, da ética social e dos modos de ser e estar no mundo e com as pessoas.

ESCOLA E FAMÍLIA são instituições sociais. Mas cada uma se auto-organiza e produz regras próprias. Cada uma tem sua forma de educar e ensinar, têm modos próprios de se organizar e definir o que é ou não importante nos projetos de vida dos sujeitos. Os conteúdos ensinados nestas instituições, embora complementares, têm naturezas diferentes na construção do ser social e no processo de desenvolvimento dos sujeitos, cidadãos para o mundo.

A casa em tempos de pandemia: o papel da família

Tudo mudou! O que era uma rotina diária virou um quebra-cabeças. Quem pode ou não pode sair? Quem faz ou não faz a comida? Quem compra? Há dinheiro para compra? Quem trabalha? Quem consegue trabalhar com tanta gente em casa? E as crianças? Agora todo mundo junto e misturado. Para alguns, isso era um desejo. Agora virou uma realidade. Isso está sendo bom? Quais as dificuldades dessa nova realidade? Quem ou o que está ocupando os quatro cantos da casa e do espaço doméstico? São perguntas diárias e que fazem pensar sobre o momento e a nova realidade.

E essa realidade das famílias não está sendo fácil. Os quartos se transformaram em escritórios de trabalho, ou de amontoados de gentes que não podem sair para trabalhar ou brincar. Famílias com pessoas que ficaram desempregadas, famílias que perderam entes queridos, famílias convivendo 24 horas com pessoas com transtornos mentais, dentro de casa, famílias convivendo com suas crianças sem espaços para as correrias e brincadeiras tão importantes para o desenvolvimento de cada uma. Muitas famílias estão atormentadas pois têm parentes que exercem atividades essenciais e que saem de casa para trabalhar, mesmo com todos os riscos do Covid-19, e não têm como deixar os seus filhos nas escolas ou com outras pessoas que, geralmente, auxiliam no cuidado deles.

Os afazeres domésticos se misturaram aos afazeres profissionais, o que antes não era devido e não desejável. E pais ou mães se vêm às vezes tomando decisões ou recebendo ordens pelos celulares com os bebês no colo ou misturando a comida nas panelas do fogão.

Sim, as famílias estão vivendo momentos muito diferentes daqueles que já viveram. E todos estamos nos testando sobre a nossa capacidade de termos paciência, temperança, solidariedade, empatia, colaboração e resiliência. E se não temos mais de um computador disponível, temos que organizar e dividir o tempo. Idem com os celulares. E essas ferramentas se transformaram em continuidade das nossas mãos, olhos, braços, além de coração e emoção, porque sem elas não temos conseguido estabelecer processos de comunicação e interação diária.

Posicionamentos anteriores tiveram que ser revistos. Se antes as crianças não podiam ficar brincando com os celulares dos pais, agora? Não existe outra forma para que as coisas aconteçam. Todos colados nos celulares. Aulas, encontros com os avós, com as pessoas queridas, amigos, parentes? Só por meio desses instrumentos eletrônicos. Difícil! Muito difícil, uma realidade que mexe com as crenças e as autoridades de todos. Difícil porque nem todos detêm habilidades para manusear estas tecnologias.

E neste clima de mudanças, as pessoas envelhecem, adoecem, tornam-se mais violentas, menos felizes, menos alegres, mais vulneráveis a toda e qualquer nova tensão ou nova pressão.

E agora, ainda, uma nova pressão surge obrigatoriamente: a escola dentro de casa!

A escola em tempos de pandemia: qual o papel do professor

De repente, esse espaço tão importante na vida de milhares de crianças e milhares de professores no planeta se fecha. Ninguém pode ir à escola.

Se antes a escola era um dos principais elos da rede de proteção das crianças e adolescentes, ela se torna, hoje, de uma hora para outra, um espaço de risco e de contaminação.

A escola, além de instituição que promove o processo de escolarização das crianças, jovens e adultos, é um dos pilares da organização das rotinas domésticas. As crianças vão à escola para os adultos trabalharem, para os mais velhos descansarem, para os familiares cuidarem das crianças mais novas com atenção. E agora? Sem escola, o que se há de fazer?

Antes da obrigatoriedade da Educação infantil aos 4 anos no Brasil, a ida à escola era algo discutível no seio familiar. Muitas avós diziam: não, deixe a criança em casa, eu ajudo. Mas, as avós, também, se transformaram em trabalhadoras, profissionais, e as rotinas da vida contemporânea assimilaram que a escola é um lugar importante para o desenvolvimento das crianças, para a socialização, para compreensão do mundo, para a aquisição dos processos de alfabetização, letramento e da linguagem matemática, dentre outros conhecimentos fundamentais.

Entretanto, nossa sociedade ainda vê a escola como um espaço natural de percurso do cidadão. E a história das políticas públicas em Educação no Brasil sempre evidenciou o descaso de governos quanto aos salários e carreiras dos profissionais da educação, e sempre tivemos idas e vindas no que se refere a uma política de Estado, uma política que desse centralidade ao importante papel da escola na vida e na formação dos indivíduos cidadãos.

Mas, os novos tempos de pandemia, de repente, trouxeram a valorização da escola de um item qualquer, naturalizado nas rotinas das famílias, para o lugar necessário, com a visibilidade fundamental na vida de todos – pais, mães, avós, crianças e adolescentes.

Espaço de conhecimento, espaço de socialização, de desenvolvimento físico, emocional, ético, de encontro com o outro, de vida, de construção de projetos de vida.

E os professores nesta pandemia? Solitários, desprovidos das salas de aula, do seu trabalho de acolher, abraçar e ensinar diariamente, com afeto, com carinho, com chateação, com cansaço, com irritação ou qualquer outro sentimento normal que a vida traz para um ser humano que vive intensamente o seu dia. Mas um professor que escolheu a sua profissão, que vive dela, cuida de sua profissionalidade a cada dia, agora, não tem mais o seu espaço de trabalho, ou melhor, seu espaço está fechado e será o último a abrir. E quando será isso?

Ninguém sabe. E o vazio se faz intenso. Todos descobrem que é muito difícil ficar sem as interações com as pessoas que amam. E os professores descobrem que não vivem sem os alunos. Que eles são, realmente, a razão de ser de sua vida profissional. E que é muito ruim não ter o estudante em sala de aula, e não ter a escola para ir e vir e criar e inventar coisas interessantes para acontecer em sala de aula.

Mas, a escola não pode parar. As famílias cobram o retorno das aulas. Algumas famílias cobram incessantemente conteúdos, tempos de aulas com a presença dos professores, mesmo que

por meio de uma tela. E as pressões se tornam pesadas, difíceis, complexas para todos. Professores, estudantes, pais e mães, avós entram em cena, tios, e tudo fica muito diferente. Incerto, inseguro, novo, complexo e difícil de prever um futuro.

A escola hoje é a bola da vez

Quando se discute a escola, discutimos os processos formais de ensino, mas é importante considerar que a EDUCAÇÃO é mais do que a aquisição com sucesso dos conteúdos escolares presentes numa Base Curricular ou num Programa de Curso.

Por outro lado, a ESCOLA é um lugar de interações sociais, que se voltam intencionalmente para a aprendizagem de conhecimentos, sim, mas estes conhecimentos envolvem habilidades variadas adquiridas nas atividades previstas nos planos de ensino, envolvem competências criadas, também, nas rotinas de organização e realização destas atividades especificamente propostas pela escola, assim como para a construção dos significados do próprio sentido da escolarização e da formação de cidadãos. Isso nos traz uma questão importante. A falta da escola na vida de uma criança ou de um estudante adolescente ou adulto em tempos de pandemia, traz conseqüentemente a falta do quê?

Se a resposta for simplesmente dos conteúdos previstos no programa de curso, sejam esses conteúdos mais complexos ou não, envolvendo as habilidades e competências escolares, fica mais fácil resolver o problema. Poderemos buscar alternativas para suprir a falta da presença física do professor e construir mecanismos para a aquisição das informações ou conhecimentos. Por exemplo, se adquirimos uma máquina nova em casa, e ao recebermos o pacote embrulhado pelo correio, tivermos que aprender a manuseá-la, buscamos o manual. Tentamos ler os passos e, mesmo que seja com esforço, daremos conta, sim, de

colocá-la em funcionamento, especialmente, se o nosso interesse for intenso pelo seu uso.

Entretanto, se concebermos a escola como um espaço fundamental de desenvolvimento integral da pessoa humana, envolvendo as diferentes dimensões desse desenvolvimento, provavelmente, iremos sentir que a aquisição dos conteúdos previstos na proposta curricular é realmente muito menos significativa do que o conjunto de interações realizadas pelos sujeitos em suas rotinas diárias nos processos de escolarização ao longo de sua vida.

Alias, é comum em rodas de conversa entre adultos, que as experiências escolares venham à tona por meio da contação dos episódios vividos nos tempos da infância e da adolescência. E estas lembranças estão, na maioria das vezes, associadas a situações vividas que muito pouco se centram nos conteúdos aprendidos nos livros, nas aulas, nas disciplinas, mas estão, sim, associadas às interações com o professor, com os colegas, com os eventos programados que permitiram aprendizagens relacionadas ao ser e ao viver a vida.

Isso evidencia a importância das interações e do convívio intenso que as rotinas escolares permitem. Não temos dúvidas que estes tempos de pandemia estão impedindo que as crianças, adolescentes e adultos, professores ou alunos, se privem dessa intensa chance de crescimento pessoal.

Mas, torna-se importante também pensarmos em uma outra perspectiva. A escola se organiza por meio de práticas curriculares e de programações anuais de uma Base Nacional. Essa base foi construída por especialistas, estudiosos, pesquisadores dos diferentes campos do saber, referenciados pela ciência e pela construção do conhecimento pela humanidade, e foi definida em função da importância dele no processo de inserção social dos sujeitos e dos cidadãos nos territórios em que vivem. Salienta-se, aqui, a importância dessa base, mas evidencia-se também que esta base é móvel e que é permanentemente atualizada em razão

do próprio dinamismo de produção do saber.

Neste contexto, é fundamental considerarmos que, estando em tempos de pandemia, como dissemos no início deste texto, vivendo situações nunca antes vividas, com exigências de novas formas de se comportar, de interagir, de viver e de se cuidar, intensamente estamos aprendendo coisas, aprendendo sobre o mundo, sobre os cuidados pessoais e adquirindo uma nova mentalidade para o convívio social.

E assim, não podemos dizer que nossos estudantes estão tendo um ano perdido. Ora, eles também estão aprendendo muito, novas informações, nova realidade nas interações sociais, novas lógicas de organização da vida, novas perspectivas de futuro. Em síntese, nova mentalidade necessária para um novo tempo. Não podemos diminuir a importância dessa escola da vida, dessa escola que nos trouxe uma nova família, com as pessoas mais tempo em casa, uma nova cidade com menos trânsito, retorno de pássaros nas árvores, uma nova projeção de mundo e de planeta com novas preocupações antes inimagináveis. Todo conhecimento escolar, antes de ser transformado em capítulo de livros didáticos ou objetos de conhecimento da BNCC, foi um conhecimento da prática social da humanidade, um conhecimento de vida, um conhecimento que teve origem nos dilemas da relação do homem com a natureza nos processos de sobrevivência. Então, um dia, tudo o que estamos vivendo neste momento será também um capítulo dos livros didáticos. Não se pode desconsiderar que seremos objetos de conhecimento dos pesquisadores dos próximos tempos.

Assim, é fundamental refletirmos sobre o fato de que cada um de nós é o que pensa e acredita. E, diante de tantos dilemas postos pelos tempos da pandemia, torna-se fundamental que as pessoas pensem que o que vivemos hoje, necessariamente, é bem diferente do que tínhamos anteriormente. Assim, é difícil raciocinar e tomar decisões tendo por bases os tempos anteriores. Como pensar em normas relacionadas aos dias letivos e horas letivas?

Eu concordo ou não com a EaD nas escolas? Como garantir as normativas e burocracias escolares quando não temos a garantia da escola concreta de todos os tempos?

Qual escola é possível de se viver em tempos de pandemia?

A análise da realidade vivida no planeta nos aproxima da impossibilidade de pensarmos na escola, como espaço físico e social, como tínhamos antes, pelo menos até a descoberta de uma vacina.

As pessoas insistem na autorização da abertura das escolas, mas é importante perguntar:

Essa insistência vem do desejo de que esta abertura represente a resposta de que a pandemia acabou? Quem define que a escola deva ou não abrir? Um prefeito? Um diretor de escola? Uma secretária de educação? Um ministro da saúde?

Ora, diante da realidade, diante dos estudos apresentados pelos especialistas da ciência, nota-se que estas insistências representam, no mínimo, desinformação ou falta de bom senso.

Ou ainda, abriremos as escolas seria a melhor forma de ajudarmos às famílias a irem trabalhar? Será que essas mesmas famílias levariam seus filhos à escola? Quem deseja correr riscos? Quem tem confiança que realmente os protocolos de saúde irão cuidar para que o vírus não se espalhe e não pegue um professor, ou uma criança? Quem deseja uma catástrofe a partir dessa abertura? Quem lança a primeira pedra para começar essa experiência?

Alguns defendem que, se não abriremos, não poderemos ter a experiência da abertura que pode ser positiva, perante o conjunto de problemas que a falta de escola promove.

Mas, quem vai querer fazer uma experiência, quando ela pode provocar danos à vida? Quem deseja carregar óbitos a partir de suas decisões? Óbitos pela disseminação do vírus nas casas das crianças, nas casas dos professores e colaboradores das escolas, nas casas de toda uma cidade, já que a abertura da escola exigirá uma grande movimentação em todos os setores públicos e privados da cidade.

Abrir escolas com protocolos definidos pela saúde – mas... estaríamos numa escola?

Com certeza, os protocolos definidos pela OMS – Organização Mundial de Saúde - ou por especialistas da área da saúde estão em alta neste momento e todos buscam aplicá-los para que se possa abrir estabelecimentos comerciais, espaços públicos e iniciar as tentativas de uma vida normal.

No entanto, torna-se fundamental questionar: o que é um espaço escolar? Como ele se organiza? Quais são as rotinas que permitem realizar o seu trabalho de escolarização enquanto uma política pública, reconhecendo também o setor privado nesta oferta de serviço para o público em geral?

A escola, desde a sua origem no século XIX, se constituiu como um espaço de ensino de massas. Muitas salas de aula e muitos estudantes dentro destas salas. Aglomeração é o sinônimo de uma escola. Nas entradas, saídas, nos recreios, na hora do lanche, nas festas, apresentações de auditório, e nas salas de aula e nos corredores durante os intervalos de uma aula para outra. A escola é isso. Muita gente, muita criança, muito adolescente, muitos professores, e muitos trabalhadores. E essa é a atratividade da escola.

Muitos abraços, muita animação, muita brincadeira nos parquinhos, nos pátios, em todo canto e lugar. Alegria contagiante e mágica.

Ora, protocolos que determinam o distanciamento de 2 metros, a proibição das brincadeiras no recreio, do lanche nos refeitórios, das apresentações em auditórios, das excursões, dos jogos nas quadras de esportes, das idas à biblioteca, das brincadeiras entre grupos, deixa sobrar o quê para a prática escolar?

Sem o convívio amigo, grupal, empático e colaborativo, sobra a missão da escola como espaço de transmissão de conteúdos de uma proposta curricular em formato frio e pouco atrativo, individualizado, bem tradicional, disciplinado porque individual.

Neste contexto, logo que a pandemia pegou as escolas de surpresa, inúmeras escolas lançaram mão rapidamente dos formatos utilizados pelos Cursos em EaD. E começaram as aulas on-line síncronas. Estudantes das diferentes idades, desde os pequeninos até os mais idosos, em frente dos computadores assistindo aulas, ouvindo professores explanando e ensinando, passando exercícios e insistindo que a relação pedagógica estabelecida fosse semelhante àquela existente no dia a dia das escolas, no formato presencial.

Ledo engano! Por mais que se esforcem, e estão todos se esforçando para dar certo, uma metodologia de ensino a distância exige, com certeza, outras dimensões relativas à organização da relação pedagógica professor / estudante / conhecimento. Com o tempo, as escolas e os professores estão aprendendo a se relacionar e a contornar todas essas dificuldades, mas o que presenciamos neste momento são inúmeros reflexos dessa realidade que tomou conta de milhares de estudantes e professores no mundo: exaustão, estresse, ansiedade, desconfiança, insegurança e muito, muito desânimo em relação à eficiência e eficácia no que tem sido feito.

Alguns dizem que é melhor isso do que nada. Em alguns casos, sim. Mas temos tido notícias muito desagradáveis em relação a acontecimentos desnecessários quando a escola insiste em seguir as regras de uma escola presencial em tempos de uma escola com distanciamento social.

Por exemplo: uma sala de aula virtual necessariamente exige um professor com sensibilidade para atrair processos de troca entre os estudantes que participam da sala. Por vezes, o contrário se observa numa escola presencial: os professores até procuram não incentivar os trabalhos em grupos, e insistem em disciplinas individualizantes como se a atenção do estudante no professor e na centralidade da sua pessoa no processo de ensino fosse o ideal. Entretanto, a escola sendo por si coletiva, traz alternativas de socialização pela própria natureza dos seus espaços físicos e da sala de aula em particular. Mas, manter o mesmo formato individualizante nas aulas virtuais síncronas, nas propostas de estudo e trabalho, e em tudo o que está posto como metodologia de ensino, é, por si só, um equívoco muito grande, porque escola é mais do que simplesmente ter alguém que instrua um estudante em algumas informações ou atividades a serem feitas. O papel do professor é muito mais do que isso. E o papel do aluno é mais do que cumprir e executar tarefas. O ofício do estudante e o ofício do professor trazem outras dimensões importantes da formação humana.

Então, o principal problema das escolas fechadas para as crianças e adolescentes é o problema da sociabilidade e socialização, incluindo aí, as criancinhas muito pequenas que passam a conhecer o mundo a partir do convívio na escola.

Por outro lado, os problemas das desigualdades sociais trazem outros problemas, como a não possibilidade de uso das ferramentas digitais por um grupo enorme de estudantes no Brasil. E essas desigualdades se fazem presentes não só em lares menos favorecidos, mas em todos. Por exemplo: famílias com mais de uma criança em idade escolar, necessitaria de ter ferramentas

individuais para cada membro da família para que as interações professor - estudante aconteçam de acordo com os horários definidos pela escola. E se o celular ou o computador precisar ser utilizado pelos familiares que estão em trabalho em casa? Estresses começam a partir desta realidade. Filhos disputando os dispositivos e os pais irritados com o mau uso dos equipamentos ou desejosos que esses estudantes sejam rápidos em seus usos. Mas essa forma de interação por meio de ferramentas digitais também exige que as atividades não síncronas depois das aulas coloquem esses estudantes em frente da tela por outros tempos, após as aulas.

Ora, se tudo não for devidamente planejado pelos professores, devidamente alterado, em relação às rotinas existentes anteriormente, nada poderá ser criado ou reinventado sem estresse e mais trabalho. Daí inúmeras consequências desastrosas já visíveis e outras nem tão desastrosas assim. Mas, a verdade precisa ser dita: ainda não se consegue perceber que esse tipo de alternativa seja possível por um longo tempo ou que poderia substituir a escola de ensino fundamental.

Considerações sobre o momento atual – o diálogo necessário

Diante deste contexto, as dificuldades das relações pais e filhos, pais e escola, família e professores... se transformam em relações de conflito e de muita crítica e desavenças.

Um diálogo intenso seria o mais adequado neste momento, mas o distanciamento social tem dificultado inclusive que esse diálogo aconteça sem estresse.

No caso das escolas privadas, um outro problema intercepta esse diálogo. O problema econômico. Com o desemprego e o corte de salários em razão da suspensão de inúmeras atividades econômicas, também, os pais ficaram sem condições de investirem nas mensalidades de seus filhos. Alguns aguardam pacientemente o tempo de suspensão e conseguem lidar com todas as dificuldades listadas anteriormente. Outros, imediatamente, resolveram os seus problemas suspendendo o pagamento das mensalidades, outros tentam negociar suas dificuldades e se preocupam com os revezes das possíveis definições burocráticas ou normativas para o retorno das escolas.

Muitos estão preocupados com as definições da LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96), que foi elaborada para tempos de não pandemia, é importante salientar, e cobram das direções das escolas porque têm medo de que seus filhos fiquem prejudicados e sejam reprovados depois de tudo. As escolas se desdobram e em sequência cobram dos órgãos executores de políticas que pouco conseguem definir, uma vez que existem indefinições de toda ordem. Ninguém nunca viveu algo assim. No âmbito federal, o CNE – Conselho Nacional de Educação – (Lei 140 40/2020 de 18 de junho de 2020)¹ flexibilizou dias, mas manteve horas na contabilidade do ano letivo, isso pouco ajudou e pressionou a todos para que continuassem a se basear em normativas anteriores à pandemia. E a ausência de outras referências provocou, nas escolas privadas de ensino fundamental e médio, a aceleração das interações virtuais e das práticas síncronas, ampliando-as para 5 horas ou mais por dia, sem pensarem nos estudantes na ponta. Tudo como justificativa para as repostas aos contratos definidos de pagamento dos serviços escolares e como respostas para as perguntas: meu filho será aprovado este ano? Será um ano perdido?

¹ Estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020; e altera a Lei nº 11947, de 16 de junho de 2009.

As coisas estão acontecendo, cada escola está acompanhando e monitorando suas realidades. Mas torna-se importante considerar que qualquer processo de avaliação da aprendizagem nas condições atuais de ensino tem limites muito grandes em relação às possibilidades desses mesmos estudantes, caso estivessem em outras condições de aprendizagem.

E os mais vulneráveis?

Podemos dizer que todos estamos sofrendo com esta pandemia. A escola é a principal instituição que se vê afetada e impactada nos seus trabalhos. Mas existem crianças e jovens que dependem profundamente da mediação dos professores. São as crianças em processos de alfabetização e os estudantes com deficiências que dependem de pessoas que os auxiliem nas interações sociais.

E existem outros que dependem da escola para suprirem suas necessidades nutricionais, de afeto e segurança social, aqueles que vivem em lares de acolhimento e que suas famílias são exatamente os professores, os funcionários e colaboradores na escola.

E os professores? Muitos são jovens, mas muitos são de grupos de risco. Muitos são da geração digital, mas muitos estão aprendendo a lidar com as tecnologias que agora se colocaram possíveis. Muitos vivem em lares que estão com as mesmas dificuldades das inúmeras famílias de seus estudantes e sabem e reconhecem as limitações deste momento. Vivem se desdobrando em muitos personagens da vida doméstica em pandemia e se nas lidas do que aparece no dia a dia: cuidar das crianças, idosos, deficientes, cuidar da limpeza doméstica, da cozinha, do almoço, do lanche, do jantar, da faxina, da lavagem da roupa, e da profissão.

Não existe escola sem professor e as aprendizagens sem a presença direta de um professor dependem também de ambientes que tenham por si condições de interações com intencionalidades

educativas. Aprendizagens exigem mediação. Algumas por adultos mais experientes, outras por pessoas com mais conhecimentos para que as intencionalidades possam acontecer. Outras porque existem ferramentas ou dispositivos capazes de favorecerem essas mediações. Lares em que as pessoas que ali convivem possuem níveis mais elevados de escolarização terão mais sucesso nos processos de mediação das atividades escolares dos estudantes na pandemia. Ora, sabe-se que, nestes casos, esses lares com níveis maiores de escolarização são constituídos por pessoas de nível socioeconômico também mais elevado. Isso reforça o que muitos já disseram, que a pandemia está acentuando a desigualdade social, assim como conferindo maior visibilidade a ela.

A única alternativa existente é o diálogo. Esta palavra mágica que poucos sabem realizar, porque exige o exercício de outras palavras mágicas – o ouvir e escutar de verdade; o sentir-se na pele do outro ou exercitar a empatia; o colaborar e se solidarizar. Mas a reciprocidade e o desejo mútuo do entendimento, da compreensão e da compaixão são os frutos desse diálogo. Se não chegarmos nesse resultado ou atingirmos essa meta, não podemos dizer que a magia se concretizou.

A ética social depende da consciência do viver em comunidade. O maior legado desta pandemia é o significado social do “USO DA MÁSCARA”. Eu me protejo para proteger o outro. E está dentro deste sentido de mutualidade a discussão da relação família e escola.

A missão da escola é educar e formar as gerações para a construção de projetos de vida, que embora individuais, têm reflexos no futuro da sociedade. Os limites de cada uma dessas instituições – família e escola – estão dados no próprio contexto de valores em que elas se fazem e se concretizam em razão da cultura que produzem. A vida humana é preservada no processo de construção da cultura, daí a íntima relação entre a vida e a cultura. Entre a Saúde e a Educação como produção de cultura. E daí a importância de se preservar a vida nesta pandemia, mas preservar,

ainda, a capacidade humana de adaptar-se e fazer cultura num novo contexto. Criar nova mentalidade social de cuidado com o outro e criar novas formas de educar-se frente às impossibilidades, limites, necessidades e desafios impostos pelo momento.

A íntima relação entre a escola e a família está dada na íntima interdependência entre elas, que a pandemia escancarou, mas que precisamos entender cada vez mais para recriarmos nossas práticas. Hoje a escola foi transferida para a casa das crianças e isso está trazendo muitos problemas para todos, mas é possível encontrar o caminho da boa convivência. Quem sabe um caminho muito mais promissor, capaz de favorecer muito mais aprendizagens para as crianças e jovens, porque colado com o núcleo de valores do estudante, com aquilo que dá referência aos estudantes para novas aprendizagens. Colado com os sentidos e significados presentes no projeto de vida delineado pelo círculo familiar.

Precisamos de exercitar as palavrinhas mágicas e não termos medo de olhar para frente. A escola precisa de reinventar o vivido, fazer diferente e buscar oferecer o melhor. Mas o que seria o melhor neste momento? Conteúdos das Bases Curriculares Nacionais? Ou conteúdos que irão favorecer a construção de um mundo melhor? Na impossibilidade dos 200 dias letivos, que oferecem tempos incríveis de convívio escolar, de práticas de socialização ricas como as festas, apresentações, excursões em espaços inéditos todos os anos, não seria importante estudar o que seria o conhecimento essencial que dá liga aos direitos de aprendizagem de cada ano de escolarização de cada segmento? Buscar a essência do essencial é diferente de reduzir ou retirar indiscriminadamente. Significa entender em profundidade o que se define e se faz durante o processo de escolarização em cada ano e redimensionar com as possibilidades deste ano. Reconhecer o que é prioritário e fundante no processo de aprendizagem e salientar estas aprendizagens frente aos contextos domésticos e da vida de cada um. É importante que todos parem para refletir

sobre o que fazem e projetam com os seus trabalhos. O mundo todo está fazendo isso. A escola precisa rever suas certezas, suas antigas definições curriculares, seus planejamentos que acontecem ano após ano, porque deram certo e construíram gerações de estudantes. Chegou a hora da mudança! Mudança nunca programada, mas exigida por um pequeno vírus que instalou a guerra nas relações sociais das cidades no mundo.

Mudança nas práticas escolares, nas definições curriculares, nos formatos de salas de aula, nos desenhos normativos para as avaliações, certificações, formaturas, testes e outros rituais. Mudanças nas relações pais e mestres, nas relações família e escola. Se antes essa questão era um detalhe contratual, hoje é uma exigência para a realização do processo de ensino. Se antes estávamos cobertos por uma porta que dava autonomia total ao professor ou professora dentro de sala, hoje as salas estão escancaradas e precisamos negociar as possibilidades de ação prática do que delineamos como plano de ensino.

Não temos saída: nem as famílias, nem as escolas.

Com certeza, será no diálogo entre instituições que têm por missão cuidar e educar as gerações futuras que um novo caminho poderá ser descortinado. Seria um NOVO NORMAL? Talvez. Se conseguirmos construir práticas muito melhores, com mais aprendizagens, podemos dizer que, mesmo em tempos de pandemia, colhemos frutos preciosos dos nossos trabalhos.

Data de submissão: 01/10/2020

Data de aprovação: 10/10/2020

